

**A EDUCAÇÃO E O ENSINO EM MARX E ENGELS: O CASO DA ESCOLA  
POPULAR OROCÍLIO MARTINS GONÇALVES**

**Alexandre Marinho Pimenta**

Estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB)

E-mail: [alexmpsin@hotmail.com](mailto:alexmpsin@hotmail.com)

**Carlos Alberto Lopes de Sousa**

Prof. Dr. da Universidade de Brasília (UnB)

Programa de Pós-Graduação em Educação

E-mail: [carloslopes@unb.br](mailto:carloslopes@unb.br)

**RESUMO**

O presente artigo estuda aspectos fundamentais relacionados à análise da educação e ensino na sociedade capitalista, na visão de Marx e Engels, buscando compreender melhor o fenômeno da educação popular. Para isso, retoma algumas obras e textos clássicos do marxismo e realiza um estudo de caso da Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves (EPOMG), organização educativa e cultural, localizada em Minas Gerais. O artigo analisa a proposta política da EPOMG, a produção dos alunos, a partir da análise documental, representando fase de pesquisa de natureza exploratória. A escola objeto da análise funda-se em pressupostos marxista e a análise do caso é recortada com textos de Marx e Engels sobre a educação, ciência, ensino, trabalho, classe e, também, autores mais contemporâneos, precisando assim o caráter de reprodução social da escola oficial e a especificidade da escola popular. Ao final, o texto levanta algumas problematizações tendo em vista pesquisas futuras.

Palavras-chave: Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves. Marx. Engels. Ensino. Educação.

Compreender a educação e suas conexões com um meio social historicamente determinado (sociedade capitalista) numa perspectiva marxista, do ponto de vista de seus autores clássicos e fundadores, Marx e Engels, é analisá-la segundo o materialismo histórico. Essa teoria e *práxis*, que pressupõe seu método próprio, elaborada por esses autores, diferencia-se do materialismo “*vulgar*”<sup>1</sup>, em voga no século XIX, defendido por diversos autores de influência hegeliana, como Feurbach, por sua abordagem dialética e sua grande influência da economia política clássica, de onde adapta e relaciona conceitos como valor-trabalho, classes sociais, com os de modo de produção, forças produtivas etc. As relações sociais objetivas no campo da produção material da vida possuem um grande peso determinante, como Marx explicita numa passagem famosa do prefácio de *Contribuição para a Crítica da Economia Política*:

Na produção social de sua existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um dado grau de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais.

O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual em geral. *Não é a consciência dos homens que lhes determina o ser; ao contrário, seu ser social determina sua consciência.* (MARX *apud* LÊNIN, 1980, p. 22, grifo no original).

Essa citação é de extrema densidade conceitual e fruto de anos de estudo e formulação teórica de Marx<sup>2</sup>, porém mostra-se bastante útil didaticamente, pois explana de maneira resumida o que compreende o materialismo histórico. No sentido dessa formulação de Marx, a educação e as instituições escolares e culturais estariam no âmbito superestrutural, sofrendo influência direta da “estrutura econômica”. A esfera intelectual e o campo das idéias não é o determinante aqui, mas o contrário: dialeticamente, o material possibilita o mental, o cultural e o ideal. Apesar de Marx e Engels não conterem nenhum escrito propriamente sobre educação e ensino escolar, pode-se abordar tais assuntos através de elementos extraídos da visão marxista. Diferentemente da visão durkheimiana de sociedade, por exemplo, que buscava a coesão e repudiava a anomia social, entendida como desagregação moral, típica de uma abordagem funcionalista, a visão marxista agrega, além de grupos sociais antagônicos

---

1 “A falha de todo o materialismo até agora (inclusive o de Feuerbach) é captar o objeto, a efetividade, a sensibilidade apenas sob a forma de *objeto ou de intuição*, e não como *atividade humana sensível, práxis*” (MARX, 1978, p. 51).

2 Publicado em junho 1859, após anos de estudo em Economia Política sob péssimas condições em Londres, é considerado pelo próprio Marx como “*conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos*” (MARX, Karl. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. *Contribuição para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Mandacaru, 1989, p.28).

dentro dum mesmo quadro social, o conflito social enquanto gerador de condições históricas e princípio ativo de toda transformação social. Desse modo, para a visão marxista, “o caráter histórico específico (isto é, transitório) do capitalismo é uma premissa maior” (SWEEZY, 1976, p. 50).

Esses aspectos diferenciais de Marx e Engels, em relação aos autores clássicos da sociologia e da Sociologia da Educação, e suas propostas para a educação e ensino, serão tratados a seguir neste artigo. Esse artigo, por sua natureza exploratória, tem a pretensão de realizar uma primeira aproximação a certa abordagem educativa e cultura, constituída no campo das chamadas “escolas populares” de corte marxista. Portanto, sua pretensão geral aponta para desdobramentos futuros em termos de investigação teórica acerca do estatuto de uma pedagogia que possa ser definida como marxiana em uma organização estruturada como “escola popular”.

## **1. A Perspectiva Marxista de Educação e do Ensino**

As classes sociais são grupos que vivem em condições diversas, hierarquicamente, possuindo muitas vezes interesses contraditórios, e que dividem um mesmo período histórico determinado. Lukács afirma que “no espírito do marxismo, a divisão da sociedade em classes deve ser determinada segundo a *posição* no processo de produção.” (2003, p. 133, grifo do autor). Dentro do marxismo todo período de classe pressupõe também uma dominação de uma classe sob as outras. Nessa perspectiva dialética da sociedade, onde a base econômica é determinante *em última instância*<sup>3</sup>, Marx e Engels ruem com o mito da neutralidade das ciências e das idéias, e conseqüentemente nas análises sociais, ao demonstrar que *uma idéia, ou o conjunto de idéias, é sempre referente a uma classe*, num determinado período histórico. O campo das idéias, assim como o campo social, sofre um corte de classe, um corte político, um corte que ocorre diante os diferentes projetos socio-históricos das classes e de suas estratégias para manter/conquistar a hegemonia de uma determinada sociedade.

Então não se pode falar de maneira neutra sobre uma educação em absoluta, nem de uma educação desvinculada de um período historicamente determinado; fala-se de educações, com cunhos ideológicos diferenciados e que correspondem a práticas educativas determinadas socialmente, por vezes contraditórias. Deve-se perceber sempre a qual classe pertence uma idéia, um conjunto de valores, uma determinada educação e uma prática pedagógica, e como

---

<sup>3</sup> ENGELS. Carta a Jose Bloch. In: Marx & Engels. *Obras Escogidas, en tres tomos*. Moscú: Progreso, 1974, t. III. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/m-e/cartas/e21-9-90.htm>> Acessado em: 20 jul. 2010.

se comporta diante da situação de luta e dominação (de classe) existentes em “toda sociedade até nossos dias” (MARX; ENGELS, 2006, p.23). E no caso de se referir à educação da sociedade capitalista, educação promovida pelo Estado capitalista, está-se referindo a uma educação, materializada principalmente no ensino escolar oficial, que tende a *reproduzir*<sup>4</sup> a mesma, o que quer dizer: permanecer ou aprofundar a estrutura de classes vigente, dando continuidade à estrutura social vigente. Ou, como diz Tragtenberg (1976 *apud* ROSSI, 1980, p. 83) “A escola não cria a divisão em classes, mas contribui para essa divisão e reprodução ampliada”. A educação e o ensino aqui ganham um sentido político e de dependência com o campo econômico numa sociedade estruturada em classes sociais. De modo geral, as classes fundamentais para Marx e Engels são a burguesia e o proletariado. Sendo fruto da decadência do sistema feudal europeu e das revoluções burguesa e industrial, o capitalismo se caracteriza por um forte avanço das forças produtivas, notada na indústria e na produção em massa. Porém, todo esse poder de produção, mais precisamente os meios de produção (a fábrica, a terra, a máquina) estaria nas mãos de classes minoritárias que detêm o poder, dentre elas a burguesia. Essa classe de antigos comerciantes conseguiu acumular riquezas e poder suficientes para derrubar as antigas classes dominantes anteriores e consolidar uma nova forma organização social que estivesse sob seu controle.

Então, na visão marxista, a sociedade capitalista, sendo uma sociedade de classes, onde impera uma dominação também de classe, é uma sociedade contraditória por mais que os Estados e Constituições liberais tendam a dissimular essa realidade por diversas ideologias.

A educação da maioria das pessoas no capitalismo, do ponto de vista marxista, se volta para cumprir as necessidades do capital e sua divisão do trabalho. A fragmentação na prática da produção social (trabalho manual/trabalho intelectual; cidade/campo etc.<sup>5</sup>) faz com que se fragmente também a formação e visão de mundo dos indivíduos. A divisão social do trabalho, assim, forma homens *unilaterais*<sup>6</sup>, já que suas funções na prática social são fragmentadas e sua educação e instrução são voltadas unicamente para a perpetuação das relações de

---

4 “O sistema de ensino tende objetivamente a produzir, pela dissimulação da verdade objetiva de seu funcionamento, a justificação ideológica da ordem que ele reproduz por seu funcionamento” (BOURDIEU, 1975 *apud* ROSSI, 1980, p. 78). Ver também BOURDIEU, 2009.

5 MARX; ENGELS, *A Ideologia Alemã*, I, A. “A ideologia alemã; em especial, a filosofia alemã” *apud* MARX, K.; ENGELS, F., 1992, p. 15-16.

6 CATINI, 2006, p. 2.

produção. No sentido de que o ser social determina a consciência: “Minha consciência geral é apenas a figura *teórica* daquilo cuja figura *viva* é a comunidade real, o ser social. [...] O indivíduo é o *ser social*.” (MARX, 1978, p. 10, grifos do autor).

As condições para a acumulação do capital aprofundam o caráter contraditório entre o trabalho manual e trabalho intelectual já existente em outras épocas. O proletário é subjugado à máquina e a uma prática fragmentada e alienada e não pode conhecer/possuir o processo produtivo como um todo, muito menos ter acesso à cultura e ciência acumulada pela sociedade, já que é impossibilitado de diversas maneiras: falta de instrução, difícil acesso, jornada de trabalho longa, condições de vida precárias. A ciência, no caso, está agregada na máquina, na propriedade, no capital, que se opõe ao trabalhador.

Não foram só os autores socialistas que perceberam o efeito danoso da divisão social do trabalho causado pelo capitalismo. Autores liberais clássicos como Adam Smith (1983 *apud* MORAES NETO, 2002, p. 1-2) perceberam sabiamente a condição do proletário, o que Moraes Neto (2002) denomina de “angústia smithiana” (a eficiência produtiva, provinda da divisão do trabalho *versus* a *desumanização do trabalho*, acarretada por aquela):

Com o avanço da divisão do trabalho, a ocupação da maior parte daqueles que vivem do trabalho, isto é, da maioria da população, acaba restringindo-se a algumas operações extremamente simples, muitas vezes a uma ou duas. Ora, a compreensão da maior parte das pessoas é formada pelas suas ocupações normais. O homem que gasta toda sua vida executando algumas operações simples, cujos efeitos também são, talvez, sempre os mesmos ou mais ou menos os mesmos, não tem nenhuma oportunidade para exercitar sua compreensão ou para exercer seu espírito inventivo no sentido de encontrar meios para eliminar dificuldades que nunca ocorrem. Ele perde naturalmente o hábito de fazer isso, tornando-se geralmente tão embotado e ignorante quanto o possa ser uma criatura humana. [...] Este tipo de vida corrompe até mesmo sua atividade corporal, tornando-o incapaz de utilizar sua força física com vigor e perseverança em alguma ocupação para a qual foi criado. Assim, a habilidade que ele adquiriu em sua ocupação específica parece ter sido adquirida às custas de suas virtudes intelectuais, sociais e morais. Ora, em toda sociedade evoluída e civilizada, este é o estado em que inevitavelmente caem os trabalhadores pobres – isto é, a grande massa da população...

A educação, que no capitalismo é somente formação de mão de obra e ideológica para a perpetuação da dominação e das relações de produção<sup>7</sup>, na nova sociedade teria o papel de educar o novo homem, não mais dividido pelas condições objetivas, e possibilitar a realização de suas potencialidades. Essa educação estaria vinculada sempre à produção e à superação da condição existente, pois “o principal não seria formar o homem que desempenhasse diversas

---

<sup>7</sup> Ver ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. Saviani (1991, p. 17) enquadra Althusser (1983) e Bourdieu (2009) na mesma categoria: crítico-reprodutivistas.

tarefas e servisse ao desenvolvimento da grande indústria, mas sim que tivesse conhecimento acerca dos procedimentos tecnológicos da totalidade da produção” (CATINI, 2006, p. 3).

É importante frisar que a educação, além de formar a mão-de-obra que servirá para a acumulação de capital, sempre terá um interesse político por fundo. Esse interesse político pode ser tanto hegemônico quanto opositor, se estivermos falando de uma educação que preste um serviço educacional de caráter contra-hegemônico.

## **2. Educação Popular: alternativa para uma educação da classe trabalhadora**

Entende-se aqui que a educação possui um vínculo estreito com o modo de produção (economia) e forma de Estado (política), pois como salienta Catini (2009, p. 2) “o fato de a educação ocorrer separada da produção [hoje], não faz dela uma atividade livre de determinações advindas do modo de produção capitalista, o que quer dizer que seu papel não se define nas pretensas finalidades imanentes ao sistema de ensino.”

Marx e Engels, em alguns trechos e textos, mostram que a educação e o ensino possuem não só um caráter determinado pelas outras esferas da vida social, mas contêm certa independência e pode *colaborar* - não seria a solução em si, como pretendem os “educacionistas”, ou “messiânicos”, segundo Rossi (1980) - para uma transformação radical da sociedade. Ou seja, uma educação a serviço dos trabalhadores poderia ser um fator que modificasse a estrutura vigente de dominação.

A educação vinculada ao trabalho/prática, seria aí um ensaio e um começo de um processo de exploração e expropriação que se concretizaria posteriormente no ingresso no mercado de trabalho. Como diz Catini (2006, p. 2): “A defesa desta união entre trabalho e educação necessita de diversas mediações, que, se não feitas, transformam a proposta em seu inverso: na formação de trabalhadores que mantenham o modo de produção e a acumulação de capital.”

Um deles já explicitado é a vinculação educação-trabalho produtivo, superando a dicotomia da escola capitalista de teoria-prática. A outra, já implícita, é a independência dessa educação diante das instituições burguesas. Essa característica de suma importância foi tratada por Marx (2006, p. 127): “É preciso rejeitar peremptoriamente uma ‘educação popular a cargo do Estado’[...] É preciso antes banir toda a influência sobre a escola, tanto de parte do governo quanto da Igreja.”

Essa nova educação, surgida ainda dentro da sociedade de classes, que seria feita pelos e para trabalhadores, Marx define enquanto educação popular. E esta, para manter-se seu papel de classe, teria de se distanciar da influência dos governos e das Igrejas, e, segundo esse raciocínio também se pode incluir, de todas as outras organizações da sociedade civil que não possuíssem corte de classe definido ou pertencentes a classes diversas, como dos partidos políticos burgueses/conservadores, organizações assistencialistas, empresas privadas etc. A educação popular tem o papel de dar acesso ao proletário à ciência, à cultura e à tecnologia que lhe foi negada pelo capital, além de armá-lo ideologicamente para a luta de classes<sup>8</sup>. Então, principalmente, a educação popular seria uma alternativa ideológica para o trabalhador, uma contraposição à escola oficial e aos outros meios culturais controlados pelo Estado capitalista ou que possuem vinculação com outras classes.

### **3. A Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves – A ciência e a técnica a serviço do povo<sup>9</sup>**

Será analisado a partir de agora como a concepção de educação marxista se materializa através de uma escola popular. O objetivo central é identificar na sua estrutura, na sua proposta pedagógica, na sua construção simbólica as características que a definem enquanto uma escola da classe trabalhadora, que possui independência e um corte ideológico. A escola escolhida adere ao campo do marxismo propositalmente, o que facilitará as relações e as identificações com o campo teórico de Marx e Engels na educação e ensino, como também na visão de sociedade, objetivo político etc.

A Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves (EPOMG) localiza-se em Minas Gerais, Belo Horizonte, no prédio da Liga Operária, uma organização operária brasileira, que apóia a escola. No ano de 2010 a escola faz 10 anos. Sua fundação foi no dia 03 de abril de 2000, e desde então educa operários da construção civil de Belo Horizonte, através de voluntários e pessoas ligadas a organizações políticas que apóiam a escola. A escola oferece cursos noturnos de alfabetização, 1º grau, de leitura e interpretação de projetos arquitetônicos, além

---

<sup>8</sup> O preparo físico/corporal visando o conflito político e/ou militar da luta de classes também pode ser destacado, já que como diz Catini (2005, p. 4) se referindo às *Instruções aos delegados do Conselho Central Provisório acerca de diversas questões*, de 1866, de Marx: “A educação corporal é necessária à classe trabalhadora para a atividade e a resistência física em condições desgastantes de trabalho. Além disso, não se pode deixar de lado o fato de que havia possibilidades de ações revolucionárias nas quais era necessário ter habilidades físicas e a instrução para manejo de armas, como recomendava Marx na Primeira Internacional.” E em seguida Catini (apud NOGUEIRA, 1990, P. 170) completa: “Ao que parece portanto, para Marx, a escola de sua época deveria contribuir, mediante o treinamento físico dos escolares, para a formação dessas milícias populares”.

<sup>9</sup> A Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves tem convênio e protocolo de estágio curricular com a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Geral (UFMG).

de, desde 2009, a oportunidade de cultivar uma horta coletiva, construída pelos próprios professores e alunos através de mutirões. Hoje a horta produz principalmente couve, alface, cebolinha, tomate e plantas medicinais e é referência da escola enquanto exemplo de união entre trabalho intelectual e manual/produtivo.

Em relação à educação pública no Brasil, a EPOMG entende como justa a luta por melhores condições e verbas para a educação. Porém, afirma que a escola, da forma como está organizada hoje, “repele”<sup>10</sup> os trabalhadores e seus filhos, que seria necessário os alunos, professores e comunidade modificarem suas estruturas e colocarem a escola a seu serviço. As escolas populares não podem ser esquecidas, segundo a EPOMG, pois possuem uma importância fundamental principalmente no campo, onde contribui para a produção e sustento dos educandos.

A escola também possui projetos culturais e políticos, como seminários e produção de boletim informativo próprio, onde se expõem novidades sobre a escola, a proposta da escola e seus últimos feitos além de análises políticas sobre problemas da atualidade, nacionais ou internacionais. O boletim chama-se “Novo tempo” e possui distribuição gratuita. Também contendo biblioteca própria, a EPOMG oferece um local de acesso a bens culturais e de estudo gratuito, além de fomentar debates e novas descobertas intelectuais alternativas às hegemônicas.

### **3.1 Objetivo e histórico do nome da EPOMG**

O tema principal da EPOMG é “a ciência e a técnica a serviço do povo”. Em seu manifesto de criação<sup>11</sup>, a EPOMG se define enquanto escola do povo e a serviço da luta do povo, tendo como objetivo principal servir de instrumento para os trabalhadores para compreensão científica do mundo e preparação política ativa. A maioria dos alunos foi distanciada do trabalho intelectual e do ensino há vários anos pela falta de oportunidade e pelas necessidades de trabalhar. A escola se propõe enquanto local de retomada dos estudos e das atividades intelectuais e culturais desses alunos vinculada ao trabalho e à vida concreta desses trabalhadores.

---

10 ESCOLA POPULAR OROCÍLIO MARTINS GONÇALVES. Revolucionar a velha escola e trabalhar sem descanso para construir os pilares da nova escola. *Boletim Novo Tempo*. mar. 2010, p. 7.

11 Disponível em: <<http://ligaoperaria.org.br/escola/escolapopular.htm>> Acessado em: 30 set. 2010.



Partindo da realidade própria dos alunos, a EPOMG se diferencia das escolas oficiais que muitas vezes estão desvinculadas da vida concreta dos educandos, apresentando-lhes uma linguagem e cultura alienígena que parece distante e tem aplicabilidade no cotidiano e na luta. A EPOMG parte de um corte ideológico de classe e valoriza a história dos povos oprimidos, esquecida dos livros de história didáticos, e da história local dos trabalhadores e de sua luta. Um forte exemplo disso é o próprio nome da escola, que representa simbolicamente o objetivo e os valores que a escola tenta propagar.

Orocílio Martins Gonçalves era um tratorista da região que foi morto com vários tiros no peito pela Polícia Militar de Belo Horizonte na greve dos operários da construção civil de 1979. O tratorista foi morto no primeiro dia da greve, conhecida na região pelo nome de “rebelião dos pedreiros”. O governador de Minas geral da época (1979 – 1983) era o político e ex-senador Francelino Pereira. Ainda em Regime Militar, Francelino foi eleito de forma indireta para o governo do estado, que na época reprimiu fortemente a greve de 79, marcada por grande adesão dos trabalhadores. No dia da morte de Orocílio é celebrado o Dia dos Operários da Construção Civil de Belo Horizonte, que a EPOMG faz questão de celebrar. O tratorista desde então tornou um mártir para os trabalhadores da região, simbolizando a luta e a coragem dos operários da construção civil.

Plekhanov (2008, p. 180) avisa que “não apenas os ‘iniciadores’, os ‘grandes’ homens, tem aberto diante de si um amplo campo de ação, mas todos os que têm olhos para ver, ouvidos para ouvir e coração para amar o seu próximo. Apesar de estar em uma linguagem moral/religiosa incomum ao marxismo, o argumento de Plekanov sobre os sujeitos ativos da história coaduna com a visão de que todo indivíduo, ao se entregar a uma causa histórica/coletiva, é um agente ativo da história.

O nome, ao se referir a um simples trabalhador da região, morto em uma greve, reafirma a identificação dos educandos com o mártir e alimenta simbolicamente a razão da luta econômica e política. Ao se identificarem, os educandos percebem a possibilidade de agir e modificar sua realidade social e a história, além da *necessidade* disso, ao perceber que vários dos seus deram a vida por essa luta e é dever deles continuá-la.

Se referindo a uma realidade presente na vida de todos os alunos e a uma história local, a escola se apresenta como alternativa não desvinculada com o cotidiano e a vida concreta dos trabalhadores da região. A construção simbólica que se inicia no nome é um guia e um eixo para a construção cultural e política que a escola construirá, como será analisado em seguida.

### 3.2 Análise do Boletim de março de 2010: cultura e política na EPOMG

No boletim informativo da escola há um local de cultura onde a produção dos alunos ganha espaço para publicação. Essa produção cultural possui um cunho político claro e vincula a aprendizagem da escola com o ambiente político e econômico vivido pelo educando. Como pode-se observar no poema do aluno Pio (mar. 2010, p. 5), da turma de pós-alfabetização:

#### **Política de Hoje em dia**

Eleição que era ruim  
Agora está pior  
É tanto político corrupto  
Que só pensam neles só

Não conheço político bom  
E é deles que estou falando  
Tiram o direito da gente  
E o deles só vai aumentando

Política de hoje em dia  
Quer que a gente seja escravo  
Eles ganham muitos mil  
E tiram os nossos centavos

Eu preciso falar agora  
Não vou deixar pra depois  
Deputado quer cem por cento  
E pro trabalhador é só dois

Candidato de agora  
É igual aposentado  
Só querem receber  
E não vão lá pro Senado

Se o pobre pega algo  
É bandido e ladrão  
Mas se for deputado  
É desvio, corrupção.

No poema, o aluno Pio denuncia o Estado enquanto privilegiador de uma classe política, também favorecida economicamente, em detrimento da maioria da população, pobre e que vê seus direitos serem excluídos. Em meio a esse cenário, os privilegiados (políticos) ainda exploram o trabalho não reconhecido da maioria (população). Essa visão de mundo se encaixa dentro de uma lógica de deslegitimação do Estado atual, enquanto representante e instrumento das classes dominantes. Por outro lado, esse tipo de produção cultural do aluno tem uma representação da política que nega a própria política de forma geral ou certo tipo de política institucional? Como, a partir do senso comum, o conceito de política é ampliado a partir da prática, considerando a abordagem marxista da escola?

Em outro poema publicado na edição referida do boletim (mar. 2010, p. 5) é feita uma homenagem ao mártir que deu nome à escola e faz-se referência à necessidade de continuação da luta. O autor se identifica como R. Ventura.

#### **Outros motins**

Orocílio, te levaram daqui  
Mas hoje tu revives  
Nos Jorges, Onofres, Joaquins  
Revives em palavras de ordem  
Nas pedras de outros motins  
Nos gritos, nos sonhos, revoltas  
Flores de novos jardins.  
Morrer não é o mesmo  
Para todo mundo.  
A morte deita sobre alguns  
Um manto de honra  
A bala que mata  
Nem sempre é mordação.  
Esse mundo envenenado  
Pintado de chumbo  
Será o mesmo  
Dos nossos pequenos?  
Não!  
A noite já foi mais fria  
O futuro, está escrito, já se anuncia  
E nele, Orocílio Martins Gonçalves  
Será verso de poesia.

Mais uma vez, a morte do mártir possui um grande peso simbólico e serve para construir projeções e expectativas. Importante frisar a referência às gerações futuras, ficando nítido que o projeto de luta aqui é um plano visando as gerações futuras: o aqui e o pessoal por vezes não possui tanto peso como uma causa coletiva e histórica, que diz respeito às gerações futuras.

#### **Considerações finais**

A educação e o ensino em Marx e Engels não podem ser entendidos enquanto categoriais sociais separadas de um modo de produção e de relações sociais historicamente determinadas. Essa premissa fundamental do materialismo histórico diferencia, dentro de uma sociologia da educação, as análises de Marx e Engels de outros clássicos. Também nos ajuda a compreender o projeto político reivindicado pelos autores e suas propostas para uma educação *sob* o capital e *além* do capital. Sendo a educação e a produção cultural e intelectual constituinte de uma complexa superestrutura da qual a base é a produção material da vida humana, uma educação que pretende ser emancipatória, deve ter um papel ativo e preparatório para a luta política e econômica dentro das contradições existentes, se opondo às forças (ideológicas e físicas) e instituições hegemônicas, ao mesmo tempo em que prepara e contribui para uma substituição das mesmas, ensaiando novas formas de organização social, com novos valores, concepções,

práticas e perspectivas. O estudo de caso exploratório, da escola Orocílio Martins Gonçalves de Minas Gerais, demonstra como certa independência ideológica possibilita a criação de uma nova construção simbólica não excluída das contradições objetivas da sociedade capitalista.

A educação popular possibilita ao trabalhador alienado e brutalizado pela fragmentação da produção ter novamente acesso à cultura, à ciência e à técnica, mesmo que não seja de uma maneira plena, por ainda ser alvo de assalariamento e opressão. As poesias produzidas pelos alunos da escola estudada e publicadas num boletim informativo próprio são um exemplo da retomada da consciência e da autonomia criativa, privada tanto na escola oficial por seu limite curricular e pragmático, como pelos monopólios dos grandes meios de comunicação. Todavia, é curioso levantar no caso analisado a seguinte questão: como, tomando como referência as condições materiais e os modos de existência dos alunos, se configura em termos curriculares e de prática pedagógica, a perspectiva de educação emancipadora? Essa perspectiva emancipadora gera, pós-curso, alunos com o domínio dos conhecimentos requeridos em cada etapa da escolarização e com participação efetiva no campo das ações políticas da Escola ou de outras organizações? É fato que a produção cultural independente possibilita um novo conjunto simbólico contra-hegemônico, que se materializará na ação política, mas como isso se constitui na escola analisada? Em termos de proposição marxista, levanta-se a tese, bastante discutida, de que criar um suporte ideológico contrário ao vigente não poderia ser efetivado numa escola oficial, pois, como lembra Mészáros (2008, p. 45): “uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou “consenso” quanto for capaz”. Fica evidente que a escola Orocílio Martins Gonçalves tenta se constituir como espaço autônomo em relação à estrutura do Estado, mas com essa escola popular mantém relações, via convênio com a Faculdade de Educação da UFMG, para o estágio curricular dos alunos dessa instituição? Como se coloca a questão do conteúdo político do estágio? Rossi (1980, p.100), se referindo a uma das *Teses contra Feurbach* de Marx, sintetiza bem qual o posicionamento materialista e dialético do pensador alemão sobre a educação capitalista e a educação em geral e suas limitações quando fala:

Marx lançou as bases da nova educação que, centrada no princípio pedagógico do trabalho, deveria substituir a educação capitalista, comprometida com o sistema de exploração a que serve. Mas o próprio Marx adverte contra os que esperam transformar o mundo pela educação, lembrando que antes disso, os próprios educadores precisam ser educados.

Escolas populares como a EPOMG são uma prova viva de que os “mitos felizes e liberais do ‘fim da ideologia’ e do ‘fim da história’ pregados e generosamente promovidos há pouco

tempo” (MÉSZÁROS, 2008, p. 85) não passam de uma mistificação da realidade social. “Os deuses existem apenas para aqueles que os reconhecem” (KOSIK, 1976, p. 223).

## Referências

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

BAMBIRRA, Vania. *A teoria marxista da transição e a prática socialista*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). *Escritos de educação*. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 39-63.

\_\_\_\_\_.; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CATANI, C. R. *Crítica da educação em Marx*. VII Colóquio Internacional Marx-Engels. CEMARX, UNICAMP, 2005.

\_\_\_\_\_. *Escola como forma social: a contribuição de Marx para a interpretação da educação no capitalismo*. V Simpósio sobre Trabalho e Educação - Trabalho, Política e Formação Humana em Marx, UFMG, 2009. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/simposionete/sites/default/files/CATINI,Carolina.pdf>> Acessado em: 23 jul. 2010.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 9. ed. Lisboa: Presença, 2004, p. 37-48.

ENGELS, Friedrich. Carta a Jose Bloch. In: Marx & Engels. *Obras Escogidas, en tres tomos*. Moscú: Progreso, 1974, t. III. Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/m-e/cartas/e21-9-90.htm>> Acessado em: 20 jul. 2010.

ESCOLA POPULAR OROCÍLIO MARTINS GONÇALVES. *Boletim Novo Tempo*. Belo Horizonte, mar. 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LÊNIN, Vladimir I. *O que é marxismo?*. Porto Alegre: Movimento, 1980.

LIGA OPERÁRIA. *A Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves*. Disponível em: <<http://ligaoperaria.org.br/escola/escolapopular.htm>> Acessado em: 30 set. 2010.

**LIMA, Gerson Guedes. *Significado histórico e atualidade do movimento sindical*. 2009. Disponível em: <[http://www.dzai.com.br/saucifufu/noticia/montanoticia?tv\\_ntc\\_id=25058](http://www.dzai.com.br/saucifufu/noticia/montanoticia?tv_ntc_id=25058)> Acessado em: 29 jul. 2010.**

**LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 133-191.**

MARX, Karl. *Contribuição para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Mandacaru, 1989, p. 9-35.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos Econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores), 1978.

\_\_\_\_\_.; ENGELS, Friedrich. Feuerbach: oposição das concepções materialista e idealista. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas em três tomos*. Lisboa: Avante, 1982. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/index.htm>> Acessado em: 19 jul. 2010.

\_\_\_\_\_. *Manifesto do partido comunista*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

\_\_\_\_\_. *Textos sobre a educação e ensino*. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1992.

MORAES NETO, Benedito Rodrigues de. *A divisão do trabalho em Marx e a “angústia smithiana”*. UNESP, São Paulo, 2002. Disponível em: <[http://www.sep.org.br/artigo/MORAES\\_NETO.pdf](http://www.sep.org.br/artigo/MORAES_NETO.pdf)> Acessado em: 18 jul. 2010.

\_\_\_\_\_. O percurso teórico da “abolição do trabalho” (ou da superação da “angústia smithiana”) em Marx: avanços e recuo. *Revista Soc. bras. Economia Política*, Rio de Janeiro, nº 14, p. 7-31, junho 2004. Disponível em: <[http://www.sep.org.br/revista\\_artigo/revista141.pdf](http://www.sep.org.br/revista_artigo/revista141.pdf)> Acessado em 01 ago. 2010.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Mariátegui e a questão da educação no Peru. *Lua Nova* [online]. nº. 68, p. 169-204, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n68/a07n68.pdf>> Acessado em: 19 jul. 2010.

PLEKHANOV, Guiorgui V. O papel do indivíduo na história. In: \_\_\_\_\_. *O papel do indivíduo na história*. São Paulo: Expressão popular, 2008, p. 103-160.

ROSSI, Wagner G. *Capitalismo e educação: contribuição ao estudo crítico da economia da educação capitalista*. 2. Ed. São Paulo: Moraes, 1980.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SWEEZY, Paul M. O Método de Marx. In: \_\_\_\_\_. *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 39-50.